

Registo de luso-americanismos na escrita açoriana do século XIX

Urbano Bettencourt

No dia 10 de abril de 1887, o jornal *O Açoriano* (ilha do Faial, Açores), publicava mais uma das habituais crónicas de Manuel Zerbone. Refira-se, de passagem, que jornal *O Açoriano* foi fundado em 1883 pelo jovem poeta Manuel Garcia Monteiro, que no ano seguinte emigraria para os Estados Unidos, onde se formou em Medicina e publicou o seu livro *Rimas de ironia alegre* (1896), cuja impressão “foi feita na residência do autor (186 Webster Street, East Boston, Mass.)”, como ele mesmo teve o cuidado de deixar registado em jeito de cólofon. Nesse jornal, Manuel Zerbone publicou um conjunto de 128 crónicas, entre 23 de novembro de 1884 e 17 de junho de 1888, inicialmente designadas por “Crónicas alegres” e depois reduzidas a “Crónicas”, mas sem que isso afetasse o registo irónico e satírico com que, frequentemente, o quotidiano faialense é observado.

Essa crónica de 10-abr-1887 é integralmente dedicada à emigração, numa sequência tripartida, cuja primeira parte se reporta ao momento da partida e da despedida; o segundo momento ocupa-se dos sentimentos dos emigrantes durante a viagem, entre a expectativa e a incerteza quanto ao futuro e a nostalgia do mundo que deixaram para trás. A terceira parte, que abaixo se reproduz, tem a particularidade de descrever a vida do emigrante (alguma, pelo menos) nos Estados Unidos, numa perspetiva bem menos eufórica do que aquela que ocorre nalguns textos açorianos da época; mas o seu interesse resulta também do facto de antecipar o regresso, com alguns traços comuns à descrição de outros autores, e sobretudo do registo dos quatro luso-americanismos sinalizados graficamente pelo próprio autor. Fruto do contacto entre os sistemas linguísticos português e inglês, o seu uso literário conheceu desenvolvimentos significativos, em Nunes da Rosa (*Gente das ilhas*, 1925) e posteriormente em escritores como Vitorino Nemésio, Onésimo Teotónio Almeida, Cristóvão de Aguiar e Marcolino Candeias, para citar alguns casos. Em termos meramente cronológicos, a crónica de Zerbone constitui, até ao presente e de acordo com a minha informação, o mais antigo registo escrito dessa linguagem oral popular.

Manuel Zerbone nasceu na então Vila da Horta a 7 novembro de 1855 e faleceu em 1905. Estudou em Lisboa e no Porto, tendo convivido nesta cidade com homens de letras como Manuel Teixeira Gomes, Luís Botelho e Queirós Veloso. Na Horta foi professor eventual do liceu e jornalista e pertenceu àquele grupo de intelectuais e escritores que marcaram a transição de século nos Açores: Garcia Monteiro, Florêncio Terra, Rodrigo Guerra e Roberto de Mesquita, entre outros.

* * *

CRÓNICA

Manuel Zerbone*

(…)

Chegam finalmente ao termo da viagem.

Os rapazes metem-se a pescadores, ou então seguem para a Califórnia lavar os grandes terrenos, cortar o trigo, semear os milhos; as raparigas vão servir ou então casam logo com o primeiro que lhes aparece, porque geralmente não têm grandes razões para ser muito escrupulosas. É quase sempre um pescador de cavala, o marido, que vive à custa delas durante os meses de inverno, maltratando-as com pancadas, passando as noites frias nos “chapes”, em bebedeiras ignóbeis.

Muitas morrem ao cabo de poucos meses: o trabalho fragoso e aturado, e o frio intenso ceifam desapidadamente aquelas existências infelizes.

As que conseguem escapar voltam quase sempre ao fim de dois anos. É então curioso vê-las entrar na alfândega de chapéu e xaile, marchando orgulhosamente adiante dos seus homens, pedindo com voz esganiçada, e grandes movimentos sacudidos, que fazem agitar o grosso cordão de oiro baixo que trazem ao pescoço, um “boques” e um “basquete” que devia ter vindo de bordo, juntamente com uns sapatos de “ginjarrôba”.

Dão vontade de rir, e todavia são eles que foram por esse mundo de Deus – à custa de mil trabalhos, de mil privações, de muita doença, de muito frio – ganhar as belas águias com que nós mandamos comprar a seda dos seus corpetes, leitora, e o chá que tomas nos bailes, enquanto descansas duma valsa e recordas as últimas palavras de amor que te segredaram...

Vale bem a pena ter muita estima por aqueles valentes trabalhadores.

* Transcrita por Carlos Lobão, em Manuel Zerbone (2005). *Crónicas alegres*, (Vol. II). Horta: Câmara Municipal, p. 210.